

# Nota à 3ª edição

PARA ESTA TERCEIRA EDIÇÃO da *Cronologia das Relações Internacionais do Brasil*, o período coberto pela obra foi estendido até 2016 e inúmeras modificações e inclusões foram feitas ao longo do texto, sempre com o objetivo de apresentar um resultado final o mais satisfatório possível. Embora sua estrutura básica de apresentação permaneça relativamente inalterada, foram introduzidos aperfeiçoamentos em quase todos os períodos históricos. Lacunas foram preenchidas e diversas entradas receberam tratamento mais abrangente.

Muito se tem avançado em termos de pesquisa histórica no país. É natural que diferentes interpretações surjam em decorrência de novas análises e abordagens. Acompanhando essa tendência, permanece tão importante quanto sempre foi o diálogo entre os autores de ontem e de hoje. Fazer jus ao conhecimento que se produz na disciplina, em quantidade e qualidade cada vez mais significativas, constitui um desafio permanente que, no fundo, nunca se pode dizer que terá enfim terminado.

As cronologias são essencialmente obras de referência e, como tal, têm muitas utilidades. Uma delas é observar o crescendo que determinada evolução dos fatos vai produzindo, com consequências visíveis e imediata repercussão no comportamento dos atores (a escalada de um conflito, por exemplo). Outra é permitir ao leitor que desenvolva a habilidade de fazer conexões entre acontecimentos próximos no tempo, mas que em geral são estudados separadamente (eventos paralelos de política interna e externa, por exemplo, ou entre fatos ocorridos no exterior). Detectar essas inter-relações ajuda a compreender melhor as razões de certos desdobramentos e sua contextualização sob a ótica dos contemporâneos, ou seja, aqueles que testemunharam ou viveram tais experiências e que, por isso mesmo, davam como certo e evidente o que para o historiador demandaria um esforço adicional de investigação e compreensão do passado.

Sou grato a todos os leitores, estudantes, professores e amigos que, com seus comentários e incentivos, deram o impulso necessário para que esta nova edição viesse à luz. Juntamente com o livro *Diplomacia brasileira e política externa – documentos históricos, 1493-2008*, também lançado pela Contraponto, o público interessado tem a seu dispor duas obras que cobrem o fundamental da matéria estudada as quais esperamos que possam ser utilizadas com proveito nos seus estudos sobre as relações internacionais do Brasil.

*Brasília, 10 de janeiro de 2017*

# Nota à 2ª edição

EM UMA ÉPOCA NA QUAL os eventos no exterior têm impacto cada vez maior sobre nosso dia a dia e nosso futuro, é fundamental ter presente a crônica dos acontecimentos que compõem a história internacional do país, condição prévia para qualquer esforço interpretativo de maior envergadura. A nova edição da *Cronologia das Relações Internacionais do Brasil* que ora vem a público foi inteiramente revista, ampliada e atualizada até 2004 para incorporar os últimos fatos que marcaram a política externa brasileira e o cenário internacional neste conturbado início do século XXI. Como reflexo do avanço do conhecimento, a cobertura de diversos anos foi consideravelmente expandida. As inúmeras modificações e inclusões realizadas procuraram tornar a obra mais precisa e mais completa, a fim de melhor atender a sua finalidade didática como instrumento de referência e pesquisa.

A decisão de promover esta segunda edição reflete o grande êxito alcançado pela *Cronologia* junto a estudantes, professores e pesquisadores da história nacional, no Brasil e no exterior. Agradeço de modo muito especial o inestimável apoio do secretário-geral das Relações Exteriores, embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, da presidente da Fundação Alexandre de Gusmão, embaixadora Maria Stela Pompeu Brasil Frota, da Contraponto Editora, na pessoa de seu editor, César Benjamin, e do ministro Carlos Henrique Cardim, um incansável promotor da cultura e da excelência acadêmica. É nossa esperança que este livro continue a prestar sua modesta contribuição para o estudo das relações internacionais do Brasil.

*Brasília, 27 de agosto de 2005*

# Nota introdutória

O ESTUDO DA HISTÓRIA das relações internacionais do Brasil vem experimentando significativa evolução nos últimos tempos, tanto em termos de conteúdo e qualidade quanto de volume da produção historiográfica. Houve um momento, porém, para o martírio dos estudantes, em que se acreditava suficiente o desfile de nomes e datas para a compreensão da história internacional do país, com pouca ou nenhuma atenção aos condicionamentos estruturais e às contradições políticas, ideológicas, econômicas, sociais e culturais inerentes às relações internacionais. Muitas obras importantes da tradicional história diplomática do Brasil refletiram essa percepção.

Felizmente, para nós, já não se concebe hoje a tarefa do historiador sem um esforço de interpretação de alcance mais longo, voltado para os fundamentos, as causalidades e as forças que envolvem a ação dos múltiplos atores que participam do jogo internacional. Assim, para que o relato histórico não se veja reduzido a mero exercício de *histoire événementielle*, faz-se mister interpretar e colocar em perspectiva os acontecimentos, abrindo caminho para, no dizer de Jacques Le Goff, a “história-problema, a história aberta para as outras ciências sociais, a história que não se encerra na narrativa”.<sup>1</sup> Com base nesse entendimento da história, conseguimos avançar sobre terrenos até então pouco explorados e, de forma muito positiva, as gerações mais novas se beneficiaram dessa profícua mudança de orientação.

No entanto, alguns excessos ocorreram ao longo do percurso e registrou-se uma tendência, em alguns casos, de elaborar fórmulas de argumentação à revelia dos fatos históricos ou até mesmo contra o rigor cronológico. Algumas elaborações teóricas específicas, no afã de buscar no “reservatório de

---

1. LE GOFF, Jacques. *A História nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 6.

experiências” da história a comprovação de suas hipóteses, construídas a partir de modelos abstratos, chegaram a distorcer e manipular o passado, conscientemente ou não, tendo como resultado ensinamentos errôneos, cujas permanência e reprodução somente o peso da inércia poderia explicar. Os estudantes, às vezes, tinham boa compreensão das grandes linhas de força do processo histórico, mas desconheciam dados primários para o exato enquadramento dessas ideias no plano real do que efetivamente ocorreu na história. Não devemos perder de vista que a base factual é necessária, em todos os sentidos, como matéria-prima do historiador, pois, como observa Jean-Baptiste Duroselle, “não há história sem fatos”.<sup>2</sup> Restabelecer corretamente os fatos, portanto, é condição básica para que deles se possa inferir qualquer interpretação.

Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo reunir em um único e pequeno volume os principais acontecimentos que marcaram a história das relações internacionais do Brasil, do Tratado de Tordesilhas aos dias de hoje, tomando por referência o estágio atual do conhecimento histórico acumulado sobre a matéria. Para tanto, foram consultadas obras escritas por autores nacionais e estrangeiros, listadas na bibliografia ao final, que englobam um espectro bastante variado da produção acadêmica sobre relações internacionais do Brasil, desde clássicos da historiografia até novidades recém-publicadas no país. Adicionalmente, foram utilizados textos de base sobre história mundial e diversas cronologias, efemérides, atlas históricos, manuais e obras de referência. Deu-se prioridade aos fatos de interesse para as relações exteriores do Brasil (ou, no caso do período colonial, para a formação do que viria a ser a política externa do Brasil independente), complementados pelas necessárias citações dos fatos mais importantes ocorridos tanto no plano interno quanto no cenário internacional. As datas se referem, quando possível, ao dia, mês e ano do acontecimento em pauta. Uma minuciosa revisão final foi feita para corrigir eventuais equívocos, risco que permeou a todo instante a pesquisa conduzida para esta cronologia. Evitá-los talvez tenha-se tornado

---

2. DUROSELLE, J.-B. *Tout empire périma: théorie des relations internationales*. Paris: Armand Colin, 1992, p. 19.

o principal desafio a ser vencido pelo autor, embora caiba ao leitor julgar se nisso houve algum êxito.

A informação constante neste trabalho não pretende ser completa, pois, de acordo com a metodologia adotada, está ligada à ideia de relevância histórica. Seria tarefa para mais do que um historiador isolado o levantamento exaustivo de todos os fatos atinentes às relações internacionais do Brasil no período de 1492 a 1998, dos primórdios da formação territorial brasileira aos complexos meandros da diplomacia econômica contemporânea. O problema é particularmente agravado no período recente, caracterizado pela profusão de fatos e iniciativas, nos âmbitos bilateral e multilateral, que incluem inúmeras visitas realizadas e recebidas, acordos e tratados, reuniões e conferências especializadas, entre outros eventos que apenas corroboram a complexidade e a universalização crescentes da atividade diplomática na segunda metade do século XX. A própria análise histórica do período contemporâneo ainda não se encontra consolidada ou é inexistente. Assim, optou-se aqui por registrar tão somente os fatos relevantes que, com base na bibliografia compulsada, constituem o pano de fundo cronológico considerado indispensável, conforme o tratamento que tiveram na historiografia.

Em benefício da continuidade cronológica *stricto sensu*, e com o intuito de preservar minimamente a complexidade intrínseca ao processo histórico, os acontecimentos se encontram listados seguindo a linha do tempo em que tiveram lugar, ou seja, sem estarem divididos em períodos ou seções de política externa, política interna e política internacional, como é comum em outras cronologias. A criação de compartimentos estanques, a meu ver, prende-se a uma falsa concepção que, a pretexto de finalidade didática, pressupõe haver uma distinção entre política externa e interna, entre o que se passa no interior das fronteiras dos Estados e fora delas, como se tudo não fizesse parte do mesmo *continuum* histórico e mundial.

No que se refere às limitações deste trabalho, cumpre ressaltar que qualquer cronologia padece de três males essenciais: a) factualismo de origem, uma vez que uma sequência cronológica não trata de outra coisa senão de fatos históricos; b) arbitrariedade do autor na seleção e no ordenamento dos fatos e assuntos tratados; e c) simplificação inevitável, pelo espaço reduzido,

nas análises eventuais ou interpretações acessórias que acompanham certos fatos. Sobre este último ponto, os comentários adicionais foram propositalmente reduzidos ao mínimo, tanto por motivo de espaço quanto para evitar áreas de controvérsia historiográfica, cuja superação demandaria muito mais do que o escopo limitado de uma cronologia pode abarcar.

Tais limitações não diminuem, todavia, o mérito da cronologia como instrumento ágil de referência e consulta para acontecimentos singulares no tempo ou mesmo para dirimir dúvidas acerca do encadeamento dos fatos em determinado período. A utilidade de uma cronologia especializada pode ser medida pelo uso que possa vir a ter por parte do público a que se destina, composto no caso basicamente por estudantes, pesquisadores e profissionais da área de relações internacionais e política externa brasileira, que poderão tirar maior proveito do manancial informativo aqui disponibilizado, seja como fonte de estudo, seja como ferramenta de pesquisa em tópicos específicos. As cronologias, para aqueles que delas desejam extrair informação útil, não são uma ode ao primado do factual e à esterilidade do conhecimento. Ao contrário, são instrumento de liberdade, pois preenchem um requisito inescapável que, uma vez superado, serve de trampolim para voos mais altos, permitindo ao historiador diligente lançar-se com vigor à verdadeira causa da interpretação, finalidade última e razão de ser de seu ofício.

Finalmente, gostaria de registrar meus agradecimentos ao ministro de Estado das Relações Exteriores, embaixador Luiz Felipe Lampreia, pelo valioso estímulo às minhas atividades acadêmicas, ao embaixador Álvaro da Costa Franco e ao professor Amado Luiz Cervo, por apoiarem a publicação deste trabalho, ao professor Francisco Monteoliva Doratioto, pela leitura atenta e pelos comentários à primeira versão do texto, e a todos os colegas e amigos do Itamaraty e da Universidade de Brasília.

*Brasília, 20 de julho de 1999*